



Metanoia - Movimento Católico de Profissionais

Rua João de Freitas Branco, 12

1500-359 LISBOA

metanoia.mcp@gmail.com

Tel. 92 762 10 77

www.metanoia-mcp.org

Encontro de Lisboa - 14 de Maio de 2010

A que mundo pertencemos?

Vivemos um tempo de relações fugazes e no qual os contactos imediatos se impõem. O mundo do imediatismo, do “aqui e agora”, mas em que o acesso às novas tecnologias e, nomeadamente, às redes sociais, transfiguram esse lugar e momento num “distante mas agora”.

As redes sociais, como o *Facebook*, o *Twitter* e o *Hi5*, criam o frenesim do acesso à informação e ao contacto imediato com os supostos amigos ao alcance de um clique e com as quintas e grupos a que se pode pertencer, sem que para isso seja necessária grande ponderação ou identificação. Pertence-se a um grupo fã de um escritor ou de uma personalidade ou adere-se a uma causa social ou humanitária com a mesma facilidade com que se faz parte do grupo dos que lambem a colher depois de mexer o café. Tiques ou actos reflexos são colocados ao mesmo nível da adesão a causas. Tudo é frenético, imediato, pujante...ou já não interessa.

Assim os amigos, em paralelismo com conhecidos, amigos de amigos, conhecidos de conhecidos... Podemos até escolher se os queremos loiros, ruivos ou morenos. As opções estão à nossa disposição, para que possamos escolhê-los conforme os nossos desejos. As relações virtuais são de certo modo a realização do desfecho arcaico do encontro com o príncipe encantado, usual nas histórias de fadas...mas até nesses contos passavam a viver felizes para sempre e tinham muitos filhos, o que dificilmente acontecerá pela internet. Além disso, o outro pode até saber muito sobre nós sem, no entanto, conhecer a nossa identidade.

Onde sonhava chegar Alice ao passar para o outro lado do espelho depois de bebida a poção? Onde imaginam chegar aqueles que vivem através do ecrã, esperando a resposta de um outro cuja existência depende

essencialmente da transformação da realidade e dos cabos que ligam o *modem* ao teclado?

Que mundo ideal procuram aqueles que no virtual mergulham horas a fio, alimentando "bebés-pixel," regando couves fictícias da *FarmVille* ou pagando a quem o faça: amas e jardineiros avatares, algures na China, zombies pagos a mau preço?

Sim, é verdade que a rosa do Príncipezinho nos comoveu com as suas exigências, assim como a sua raposa que pretendia saber a hora exacta da chegada para pôr o coração a bater ao ritmo da amizade...era ficção mas todos ficámos sentidos e para muitos continuam vivas as personagens de Saint-Exupéry.

Mas entre este mundo de fantasia do qual éramos contentores e o mundo virtual da *internet* cujo conteúdo ninguém domina, existirá algo de comum? E quem deste mundo-virtual faz a sua morada-mail, onde terá a sua QUERÊNCIA* se do mundo natural tanto se afastou? Poderemos continuar a ser Seres desta Terra se dela abdicamos a favor de uma *SECOND LIFE* criada por alguém, algures, num servidor?

O que pretendemos reflectir convosco **no próximo dia 14 de Maio, às 21h30**, é a complexidade do mundo a que pertencemos, com as suas virtualidades, idiossincrasias e limitações. Também as redes sociais possibilitam o encontro de amigos separados há anos ou a quebra da solidão dos que, mesmo em idade avançada, não dispensam a diversão e o entretenimento de cuidar da sua quinta virtual.

Um abraço bem real,

Júlio Martín, Stella Silva, Carla Crespo

Nota: O Encontro começará às 20h, para quem quiser jantar (haverá sopa e partilharemos o que cada um trouxer). A Equipa de Lisboa informa que a loiça será de plástico, pelo que aconselha comida sem molhos, que facilite a lavagem e a uma temperatura suportável pelos recipientes. Às 21h15 tomaremos café, antes da reflexão. Terminaremos antes da meia-noite, com uma oração.

Declaração de Porto Alegre pelo aquerenciamento planetário

*Há na Pampa gaúcha da América do Sul um pássaro chamado QUERO-QUERO que, diferentemente das outras aves, faz os seus ninhos no chão, vivendo a maior parte do tempo em contacto com a terra e apegado ao lugar onde vive. A este lugar em que o QUERO-QUERO, outros bichos e o próprio ser humano costumam ficar, chama-se “querência”, no linguajar gaúcho. Em português esta palavra reporta-se ao verbo querer. A querência é um lugar que tem uma vontade, um querer originário, conforme a etimologia da palavra indica. Mas não é um querer isolado e separado do querer humano, dos animais e das plantas que ali vivem. O querer da querência requer o querer de tudo o que ali vive, de tudo o que pertence a esse lugar, inclusive a paisagem. Ser apegado a um determinado lugar é ser aquerenciado. O processo de se apegar a um lugar expressa-se com o verbo “aquerenciar”. Ser aquerenciado significa também estar de bem com a vida, estar na posse da plenitude do sentido da vida. Na sabedoria camponesa gaúcha a felicidade é o próprio sentido de pertencer a um lugar.

A querência é a intimidade com a natureza e com as coisas do local em que se vive. É ser parte das histórias das pessoas, dos animais e das plantas de um lugar. É ter a própria identidade pessoal, a própria história individual, inseparável de toda essa teia. É estar em casa no mundo. Por outro lado, a pessoa que é infeliz, que não encontrou o seu lugar no mundo, que está mal com a vida, é dita “desaquerenciada”. Não tem paradeiro fixo, vive inquieta, sempre à procura de um outro lugar, insatisfeita, angustiada, em estado de carência. Na perspectiva da sabedoria gaúcha, o grande problema ontológico/ecológico é a humanidade estar cada vez mais desaquerenciada da Mãe- Terra, Gaia, a natural morada do homem.

Celso Marques, ecologista e filósofo da AGAPAN (adapt.)